



(1952-53) foi Professor Assistente na cadeira de Radiologia Clínica na Escola de Medicina e Cirurgia. Apesar de toda a experiência, o Dr. Amarino nunca estudou no exterior porque não teve oportunidade financeira na época para dedicar-se a uma especialização. "Não foi indispensável fazer uma especialização no exterior. Mas, sempre é importante reciclar e conhecer outras realidades. Hoje, o Brasil está cheio de grandes radiologistas que tiveram a oportunidade de estudar em outros países e são notáveis."

Quando estagiava na Santa Casa aprendeu uma lição muito importante que leva com ele até os dias de hoje. "Um paciente tinha um tumor na base do pulmão direito que parecia ser inoperável. Um grande cirurgião, Dr. Rodolfo Figueira de Mello, disse que teria que operar o doente porque tudo que tinha feito deu resultado negati-

vo. Então, ele fez a toracotomia e verificou que se tratava de uma complicação do cisto hidático. Portanto, ele podia ser curado. Dessa experiência notou a importância de definir o problema, ou seja, ir até o fim."

Em 1953, ele foi ao seu primeiro Congresso Brasileiro de Radiologia realizado na cidade de Curitiba (PR). Lá apresentou um trabalho denominado "Broncografia no câncer de pulmão" e tornou-se membro do Colégio Brasileiro de Radiologia. No mesmo ano tornou-se secretário do CBR na Diretoria do Dr. J. B. Pulcherio Filho para o biênio de 1953-55. Também nessa fase associativa encontrou um amigo muito especial para a vida toda, o Dr. Antônio Ferreira Filho, que faleceu há poucos meses.

De acordo com o Dr. Amarino, "tiveram uma importância muito grande na projeção da Radiologia Brasileira o Dr. Nicola Caminha (RJ) e o Dr. Feres Secaf (SP). Eles foram muito importantes do ponto de vista profissional." Muitos médicos brasileiros aprenderam em reuniões técnicas, jornadas e congressos de radiologia. O acesso à informação era mais difícil, mas a Medicina era mais humana e solidária. "Hoje, a Medicina no Brasil é na verdade uma atividade para a elite. A grande massa não tem acesso."

Em 1976, entrou no Hospital Samaritano como Chefe do Serviço de Radiologia Geral em que se encontra trabalhando até hoje. Décadas depois começaram os exames com equipamentos como ultra-som, tomografia computadorizada e ressonância magnética. "A minha formação foi brasileira, com ajuda da literatura estrangeira. A ultra-sonografia se tornou muito popular e utilizada no Brasil em 70, então comprei um aparelho simples para estudar a anatomia dos funcionários. Fui autodidata em US, TC e RM."

O Dr. Amarino disse que mesmo trabalhando muitas horas por dia o fundamental é manter a saúde. Por isso; não fuma, faz exercícios físicos como corridas pela manhã e nada duas a três vezes por semana. "Dou a volta na La-

goa Rodrigo de Freitas às 5 da manhã, todos os dias corro uns 7,5 km." Tanta vitalidade é conseguida devido a alegria de encontrar seus 11 irmãos e familiares todos os domingos para um café da manhã caprichado na casa de um deles. De vez em quando algum falta, mas quase sempre tem boa conversa, risadas e muito bate-papo.

Ao ser perguntado sobre os muitos eventos da especialidade, o Dr. Amarino comentou que por ser o Brasil um país muito grande, precisamos ter apenas uma reunião anual maior, que no momento é a JPR que tem mais recursos. Depois caberia ainda uma Jornada Norte-Nordeste e uma Jornada Sul para poder unir as regiões. Na sua opinião, o Congresso Brasileiro de Radiologia deveria ser junto com a Jornada Paulista de Radiologia. Todos as jornadas não devem ser coincidentes e apresentar intervalos de 4 meses entre si. "Como a experiência norte-americana - Chicago - indicou o caminho do ponto de vista, hoteleiro, infra-estrutura, clima, etc. São Paulo tem melhores condições para abrigar um evento desse porte."

O Dr. Amarino contou que uma vez voltou para o Recife (PE) para dar um curso aos seus colegas. Marcou um encontro com um amigo médico e ficou esperando por ele em um lugar bem central. Como chegou cedo, começou a reparar nas pessoas que andavam pela cidade. Contou 100 pessoas muito pobres. Até que apareceu uma pessoa bem vestida, arrumada. Era o colega que esperava. Esse foi um episódio muito marcante em sua vida, porque reconheceu que a realidade brasileira é muito diferente, a maioria das pessoas é pobre.

"Eu gostaria muito de ver a Medicina Brasileira mais arrumada. O atendimento para a população é muito precário. Meu sonho é ver o atendimento sanitário, o posto de saúde, o atendimento básico funcionando bem. A população brasileira ser melhor atendida."

Renata Donaduzzi
Editora do Boletim do CBR